

## EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ESPAÇOS NÃO-FORMAIS

### Relato de Experiência

Millena Aparecida Justino<sup>1</sup>

Marjorie Ochoski<sup>2</sup>

Ana Maria Dantas<sup>3</sup>

### RESUMO

Realizando projetos voltados para a Educação Ambiental, a Sala Verde CISA vem se consolidando como espaço não-formal, trabalhando com projetos que visam a interação do estudante com uma nova perspectiva de aprendizagem. Foram realizadas visitas e trilhas em outros espaços não-formais do entorno da unidade escolar, com as turmas de todos os segmentos de ensino do CAIC Paulo Dacorso Filho, e observadas as potencialidades dos locais para a promoção de atividades interdisciplinares, utilizando a Educação Ambiental.

**Palavras-chave:** formação, transversalidade, sustentabilidade.

### INTRODUÇÃO

O termo “espaço não-formal” tem sido utilizado atualmente por pesquisadores em Educação, professores de diversas áreas do conhecimento e profissionais que trabalham com divulgação científica para descrever lugares, diferentes da escola, onde é possível desenvolver atividades educativas (JACOBUCCI, 2008). A partir dessa premissa, entendemos que é fundamental a diversificação dos ambientes de ensino, a fim de amplificar as possibilidades para a construção dos conhecimentos. Dentro dessa perspectiva, a Sala Verde Centro de Integração Socioambiental (CISA), vinculada à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Ambiental, Diversidade e Sustentabilidade (GEPEADS), vem se consolidando – desde sua implantação em 2007 – como espaço de formação e informação socioambiental, através da aprovação de seu projeto pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA) em 2006.

A Sala Verde CISA busca desenvolver projetos e ações relativos à temática ambiental, na perspectiva da Educação Ambiental crítica e emancipatória. Nesse contexto, este trabalho busca

---

<sup>1</sup> Bolsista de Apoio Técnico- Acadêmico da Sala Verde CISA, Discente do curso de Agronomia IA/UFRRJ, millenaajustino@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Bolsista de Iniciação Científica Capes/CNPq, Discente do curso de Engenharia Florestal IF/UFRRJ, marjorie.ochoski.ef@gmail.com

<sup>3</sup>Orientadora/Coordenadora da Sala Verde CISA, Professora Titular DTPE/IE/UFRRJ, adantas@ufrj.com.br

relatar experiências e reflexões acerca de atividades interdisciplinares realizadas na Sala Verde CISA e/ou em articulação com outros espaços de ensino.

## **METODOLOGIA**

No ano de 2016 buscamos expandir as ações para além dos limites da unidade escolar, e, dentre as experiências vivenciadas, destacamos as visitas com as turmas da educação infantil do CAIC ao setor de caprinocultura da UFRRJ, em que as crianças tiveram o primeiro contato com esses animais, e observamos o despertar do sentimento de cuidado com os mesmos, através do contato direto e de atividades básicas de manejo, como amamentação e ordenha.

Em outro momento, o Jardim Botânico (JB) da UFRRJ também foi utilizado como espaço não-formal, onde foram realizadas trilhas ecológicas com as turmas do primeiro segmento do ensino fundamental, com propostas pedagógicas que trabalharam a transversalidade da Educação Ambiental, permeando diversas áreas de conhecimento, tais quais: Geografia, abordada na atividade da rosa dos ventos; História, discutida para melhor entender a origem e utilização do Pau-Brasil e Urucum; Química, analisada nas iscas para captura de insetos, espalhadas pelo jardim; Relações ecológicas, observada nas interações da fauna e flora.

Outra experiência relevante foi a caminhada na trilha ecológica do Jequitibá Rosa no Parque do Curió, em Paracambi (RJ), onde os estudantes do segundo segmento do ensino fundamental foram guiados por um guarda florestal e facilitadores da Sala Verde CISA. Nessa prática foi trabalhada uma sequência didática ao longo do percurso, na qual estavam previstas as apresentações das plantas nativas e exóticas com aprofundamento de conceitos de identificação da espécie, nome popular e sua relevância para o meio, reflexões sobre ações antrópicas, a partir da realização de análises do pH da água do açude do local, utilizando extrato de repolho roxo, com o qual puderam observar as alterações no resultado, que levaram à discussões e o levantamento de hipóteses que justificassem o fato observado e a compreensão da importância das matas ciliares e serapilheira. Esta atividade, em especial, demonstrou uma riqueza de possibilidades, visto que cada visita tomou um direcionamento diferente, a partir da curiosidade e questionamentos dos estudantes.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A apropriação de espaços não-formais como a Caprinocultura, o JB e o Parque do Curió para a realização de práticas e reflexões, permite que o estudante se comporte como sujeito ativo de seu conhecimento, desenvolvendo a autonomia de investigar, analisar e classificar dados e informações à ele disponíveis, o que constitui um importante exercício para que consiga aplicar esses conhecimentos na prática cotidiana (BRITO, 2012).

A escolha de espaços localizados nos arredores da comunidade escolar estabelece a busca por apropriação do território para a formação de uma identidade local, onde, a partir do aprofundamento na realidade vivida, é possível emergir no conhecimento de sua própria condição, possibilitando o rompimento de paradigmas.

A Educação Ambiental assume um papel fundamental nessa formação, pois como “é dimensão da educação, é atividade intencional da prática social, que imprime ao desenvolvimento individual um caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos, como objetivo de potencializar essa atividade humana, tornando-a mais plena de prática social e de ética ambiental. Essa atividade exige sistematização através de metodologia que organize os processos de transmissão/ apropriação crítica de conhecimentos, atitudes e valores políticos, sociais e históricos. Assim, se a educação é mediadora na atividade humana, articulando teoria e prática, a Educação Ambiental é mediadora da apropriação, pelos sujeitos, das qualidades e das capacidades necessárias à ação transformadora responsável diante do ambiente em que vivem. Podemos dizer que a gênese do processo educativo ambiental é o movimento de se fazer plenamente humano pela apropriação/transmissão crítica e transformadora da totalidade histórica e concreta da vida dos homens no ambiente” (TOZONI REIS, 2004)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A formação de valores que possibilitem ao ser humano uma convivência harmoniosa com os outros seres que compõem o meio ambiente é urgente, e entendemos que a área educacional é capaz de dar uma contribuição relevante para essa construção, entretanto, para que isso seja possível, é necessário que essas discussões permeiem a formação do educador de todos os níveis. A partir dessa reflexão, entendemos que ações como estas devam ser realizadas e ampliadas dentro das unidades escolares, e nos propomos a dar continuidade à proposta, tecendo articulações com novos espaços de educação não-formal.

## **REFERÊNCIAS**

**BRITO, A.G.O. Jardim Zoológico enquanto espaço não formal para promoção do desenvolvimento de etapas do raciocínio científico.** Brasília, 2012.

**JACOBUCCI, D.F.C. Contribuições dos espaços não formais de educação para a formação da cultura científica.** Em extensão, Uberlândia, V.7, 2008

**TOZONI-REIS Marília Freitas de Campos. Temas ambientais como temas geradores: contribuições para uma metodologia educativa ambiental crítica, transformadora e emancipatória.** Educar, Curitiba n.27, p.93-110.2006, Ed.UFPR.